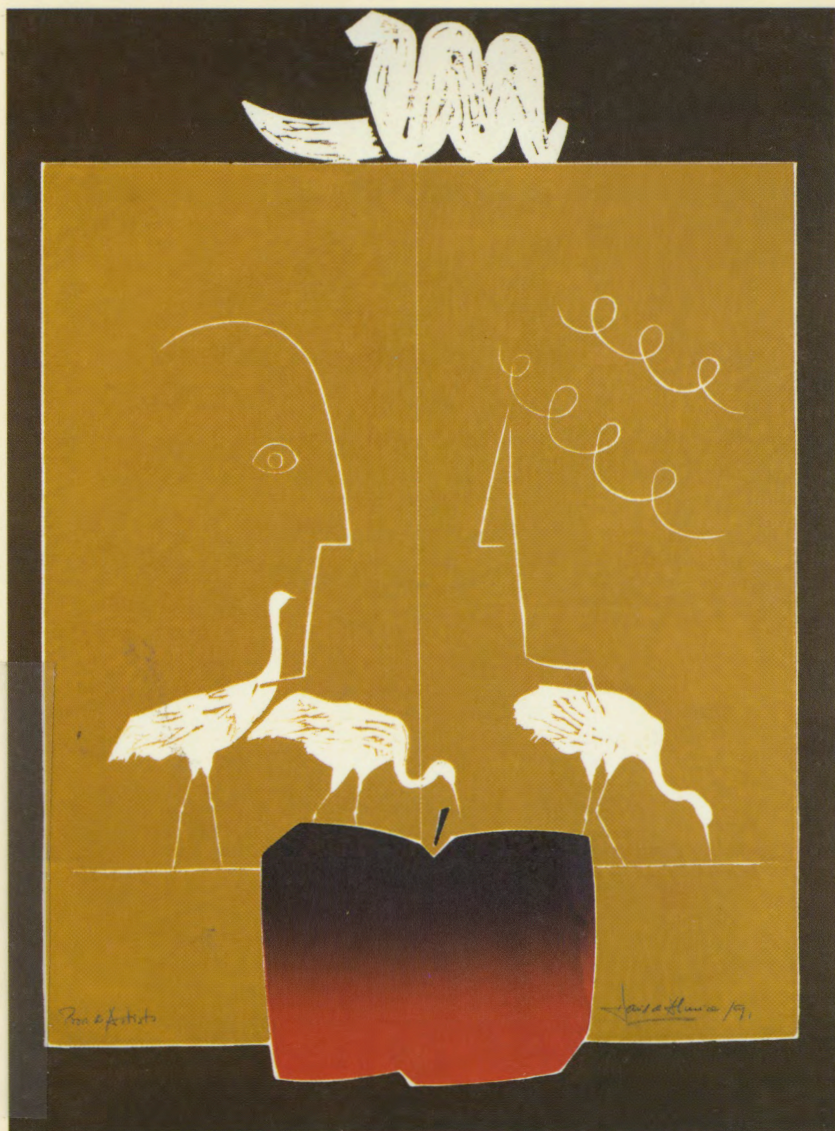


# PEDRO BANDEIRA FREIRE

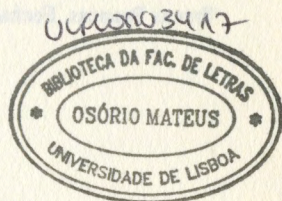
## TEATRO

TREVAS BRANCAS • FECHADO AOS DOMINGOS  
A MAÇÃ DE ADÃO • MACACOS NO SÓTÃO



Sociedade Portuguesa de Autores  
Publicações Dom Quixote

PEDRO BANDEIRA FREIRE



TREVAS BRANCAS  
FECHADO AOS DOMINGOS  
A MAÇÃ DE ADÃO  
MACACOS NO SÓTÃO

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

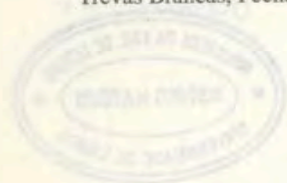
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2001

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Freire, Pedro Bandeira, 1939-  
Trevas Brancas, Fechado aos Domingos, A Maçã de Adão e Macacos no Sótão  
(Autores de língua portuguesa)  
ISBN 972-20-1678-4  
CDU 821.134.3-2“19”



**Publicações Dom Quixote, Lda.**

Rua Cintura do Porto  
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C  
1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© 1999, Pedro Bandeira Freire e Sociedade Portuguesa de Autores

Esboços de cenário (maqueta e planta) da peça  
«Fechado aos Domingos» da autoria de Octávio Clérigo

Revisão tipográfica: Francisco Paiva Boléo

1.ª Edição: Abril de 2001

Depósito Legal n.º 161 871/01

Pré-impressão: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1678-4



No quadro do teatro português do último quartel deste século prestes a findar, ou já findo quando este livro for publicado, Pedro Bandeira Freire ocupa, de certo modo, um lugar à parte, que as quatro peças aqui reunidas vêm confirmar. Uma escrita moderna, mesmo nalgum sentido «pós-moderna», um diálogo inteligente e ágil, um conceptualismo discreto, um subtil erotismo, ora latente ora explícito, um sentido muito próprio da construção dramática, distinguem-no dos restantes autores da sua geração, que acompanhou nos seus primeiros textos mas de que se distanciou depois. Se «O Embaixador sem Medo» e «As Lágrimas e os Tubarões Assinalados», aquela pondo em cena o episódio do asilo político de Humberto Delgado (o «General sem medo», designação que o popularizou e para a qual título remete) na embaixada do Brasil e a corajosa atitude do embaixador Álvaro Lins, esta denunciando as torturas infligidas pela PIDE aos adversários do regime derrubado em 25 de Abril, se podem inscrever no âmbito de um certo teatro que tomou por referência o passado imediato, característico dos anos 1974 e 1975 em que foram publicadas, as peças que a seguir a estas escreveu enveredam por outros rumos. Mas já no título da segunda, antífrase parodística do verso inicial de «Os Lusíadas», se insinuava um propósito lúdico que iria ser determinante na sua produção futura.

Como, então, não ver no título da peça com que se inicia o segundo ciclo da obra de Pedro Bandeira Freire — «Teatro Nome de Jogo» — o anúncio de um programa que seria fielmente cumprido? Data ela ainda de 1975, e poderá surpreender que, ciente o autor de que o teatro sempre, e só, acontece num «tempo hoje» e num «lugar aqui» (título alternativo da outra peça, «3.º Acto», também desse ano crucial do nosso tempo português), a sua acção pareça desenraizada dessa época e desse espaço. Surpresa injustificada, que o teatro é um jogo de máscaras e, mais do que isso, um jogo de espelhos que reflectem o rosto que a máscara oculta — ou finge ocultar, já que fingimento (embora da realidade) é ele também.

«Jogo», pois, como é lembrado naquele título para nomear o teatro, e como noutros idiomas não seria necessário, dispondo os franceses para isso da palavra «jeu», os ingleses de «play», os alemães de «spiel», e não sei se alguns mais, para sobrepor os dois conceitos

e dizer a mesma coisa numa só palavra. Como, decerto, Pedro Bandeira Freire teria desejado — e como no seu teatro acontece.

«Teatro Nome de Jogo» é o primeiro painel de uma trilogia completada por «Todo um Elenco» e «3.º Acto ou Um Tempo Hoje, um Lugar Aqui»: trilogia sobre o teatro (será preciso recordar o antecedente pirandelliano?) e, por isso mesmo, sobre a vida, espelhos um do outro, máscara e rosto confundidos, ficção e realidade inter-cambiadas.

E o jogo continua a jogar-se nas suas peças seguintes (com o parêntesis de «Supermercado», 1991, sátira da sociedade consumística em que nos vamos afundando e alienando): jogo literário em «Trevas Brancas», uma das obras deste volume; jogo sentimental em «1 a 1 no Fim do 1.º Tempo», também de 1991, e em «A Maçã de Adão» e nesse inesperado «Macacos no Sótão», em que três casais — um homem e uma mulher, duas mulheres, dois homens e outra vez um homem e uma mulher dizem *exactamente* o mesmo diálogo, apenas invertendo a ordem das réplicas no último caso, para mostrar, como parece que ainda é preciso, que o amor é só um.

Porque, porque se a vida é um jogo, o teatro, réplica da vida, jogo também não pode deixar de também ser.

Luiz Francisco Rebello